

GAZETA d'Orey



nº 6

SACO AZUL

A Gazeta d'Orey agradece imenso ao Valdinho (amarelo), à Kika (castanho e encarnado) ao João Gaivão (verde) e à continuação do Apoio da Fundação Maria Manuela e Vasco d'Orey! Ajuda mesmo!!



ÍNDICE

Sobre o Avô Waldemar (pág.2)
por João Maria d'Orey Azevedo Coutinho

Querida Avó Piedade (pág.3)
por M. Piedade d'Orey A.Z. Teixeira da Costa (Petita)

Quando a Mãe ficou com Sete Castelos (pág.3)
por Margarida d'Orey Velasco da Cunha (Kika)

O meu Avô Waldemar (pág.3)
por Ruy d'Orey Pereira Coutinho

"Outstanding" Waldemar (pág.4)
por Lourenço Manuel de Albuquerque d'Orey

A nossa Quinta dos "Sete Castelos" (pág.4)
por Salvador Velasco da Cunha

Manuel Gil Sárrea de Albuquerque d'Orey (pág.5)
por Mafalda Maria de Albuquerque d'Orey

Bodas de Ouro (pág.6)
por Mafalda Belmonte

Casamento e Encontro em S. Paulo (pág.6)

Bodas de Ouro (pág.7)
por Cecília de Albuquerque d'Orey

A Isabel fez 60 anos e teve um sonho (pág.7)
por Nico

Baptisados (pág.8)

A Peste (pág.8)
por Eduardo Achilles Husum d'Orey

Descida do Douro - Setembro 2006 (pág.8)
por Frederico Capinha d'Orey Marchand



Cristo
ressuscitado
é a alegria
de toda a terra
Páscoa Feliz

DIA DE REIS

Como foi previsto e anunciado, no dia de Reis (6 de Janeiro) a Gazeta d'Orey foi ao Jazigo Achilles d'Orey e família (Cemitério dos Prazeres em Lisboa nº 1790), pôr umas flores. De seguida, na Missa, por intenção deles, estiveram representados todos os ramos dos seus descendentes. Poucos...mas bons !

PS. O nosso primo Gica (André d'Orey Velasco-castanho), comentou que pela pouca afluência de d'Oreys, poderíamos concluir que, ou os d'Orey estão ateus ou foi falha da organização! Como esperamos que o problema não seja espiritual assumimos a nossa falha.



NOTAS DA REDACÇÃO

- Atenção Quintellas! Ramo Azul! Próxima Gazeta é sobre vocês!
- Atenção: o site www.dorey.pt já tem mais fotografias: Padre José Diogo (laranja);Manuel Quintella (azul); Clara Ramanho Ortigão Reis (amarelo e verde); Assunção Charters da Cunha (castanho/encarnado); João Maria Faria Leal Sacadura Botte (laranja); Maria Luisa d'Orey Barreira Cravo (amarelo e verde); António Capunho (encarnado); Maria Francisca Cardoso d'Orey (amarelo); João Valle Moreira, pai e irmão (verde);Ducha (rosa); etc. etc. etc.
- Graças a Deus, temos artigos que ainda não conseguimos encaixar nas últimas 6 gazetas! Os d'Orey têm muito para contar ! Continuem a mandar que tudo aparecerá um dia!
- Também queremos informar que a redacção da Gazeta d'Orey terá que ter "sangue novo"! Temos sentido a criatividade de muitos d'Oreys! Comecem a chegar-se à frente! É bom, com tempo, pensarem que este projecto deve continuar! Os elementos da actual organização não deixarão de colaborar em tudo o que lhes fôr possível, mas pretendem não ter esta tarefa por muito mais tempo! "Quem muda Deus ajuda !!"

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

SOBRE O AVÔ WALDEMAR

por João Maria d'Orey Azevedo Coutinho (castanho)

O meu Avô poderia definir-se bem com três palavras BONDADE, TRABALHO e CULTURA.

Nasceu nos Açores e não sei bem com que idade veio para Lisboa, e depois dos primeiros estudos na Escola Alemã, vai estudar para a Alemanha, mas não gostou, tendo posteriormente ido para Dumfries na Escócia onde fez um curso comercial numa escola de religiosos (Maristas) com tão boa classificação que ganhou um prémio da Rainha Vitória por ter sido o melhor aluno do seu ano. Volta para Lisboa e com 20 anos começa a dedicar-se aos negócios. Como era menor fazia-se acompanhar para assuntos oficiais com o seu cunhado, daí dizer-se em Lisboa: "Lá vai o Waldemar d'Orey com as barbas e os bigodes do Joaquim Pedro Quintella". Aliás a primeira casa comercial que pertenceu à família chamava-se Joaquim Pedro Quintella & Cia. pela menoridade do Avô, tendo posteriormente dado lugar à firma Ruy d'Orey & Cia., Lda. Os primeiros negócios que o Avô fez foram com ferro e carvão. Entretanto surge a oportunidade de se associarem com o José Antunes dos Santos que tinha o alvará da navegação do porto de Lisboa.

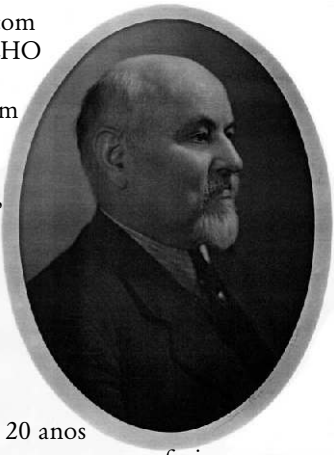
Entretanto o Avô com 25 anos, casou-se com a Avó Maria Piedade Zuzarte Sárrea a 18/11/1891, precisamente 39 anos depois do casamento dos bisavós d'Orey. Fixaram residência no Páteo Geraldês que pertencia à família Zuzarte (onde aconteceram factos importantes com o Duque de Saldanha, que afinal de contas é neto dum Zuzarte, portanto parente) onde continuavam a viver com a minha trisavó e outros membros da família.

Ali nasceram a tia Graça, o tio Mimó (Luís) e a tia Dôdô (Maria das Dores). Em dada altura para fazerem o Parque Eduardo VII expropriaram o Páteo Geraldês (ficava exactamente onde hoje em dia é a Rua Rodrigo da Fonseca e Rua Castilho) e foi então que o Avô comprou o terreno para fazer a sua casa de Sete Castelos. Foi ele próprio que desenhou e orientou a sua construção. Ali nasceram a tia Carmo, o tio Gil e a minha Mãe Maria da Piedade (Padáu). Eu também nasci em Sete Castelos que era a casa onde toda a família passava férias junta, com os Avós, os filhos, os netos, as mestras e inúmeras criadas. Mais tarde depois da morte da tia Graça o Avô chamou um bom arquitecto e fez em anexo a Capela dedicada a Nossa Senhora das Graças.

Quando os três manos foram expulsos de Portugal e chegaram a Ponte Vedra com a roupa que tinham no corpo, o avô alugou uma casa com poucas comodidades, pois era o que havia, e quis comprar o Castelo Soutomaior na Galiza que era uma construção imponente e linda que tinha pertencido a um seu antepassado o Conde Pedro Madruga do lado Vargas Machuca, ascendente da Avó Mouzinho. Mas a Avó Piedade opôs-se pois achava que se tal compra se efectuasse nunca



Castelo Soutomaior



mais voltariam para Portugal.

Enquanto estiveram fora, a Quinta de Oeiras ficou entregue ao casal António e Adelaide Carreira que zelaram com dedicação e

honestidade pelos bens que lhes tinham sido confiados. Há um episódio muito engraçado sobre a ida dos oficiais de justiça a Sete Castelos para pôr um selo em tudo, menos nos retratos de família. Foi a Adelaide que acompanhou esta função. Havia lá em casa uma "tapeçaria em seda" que, representava um mandarim com uns grandes bigodes e que toda a gente achava horrível, mas que era bastante valiosa. Quando chegou à altura de selar o mandarim, o oficial de justiça, olhou para o mandarim e diz para a Adelaide Carreira: - Ah! Isto é um

retrato de família! A Adelaide Carreira sentiu-se insultada e respondeu: - Só se fôr da sua! Mais tarde o mandarim, acabou por ser dado de presente à Adelaide Carreira!

A Avó Piedade tinha muita pena de não ter casa em Lisboa, onde viviam as irmãs e mais família, mas a ocasião de a ter, surgiu de forma inesperada. Um dia ao chegar ao escritório o Avô encontrou o tio Frederico muito aborrecido porque tinha comprado uma casa em S. Caetano e as filhas não tinham gostado, fazendo troça dumas bolotas no estuque do tecto do salão e dumas abelhas pintadas noutra sala. O Avô

perguntou-lhe quanto tinha custado, ao que o tio respondeu 50 contos.

Então o Avô disse-lhe, não te aborreças mais, toma lá 55 contos e eu fico com a casa. E foi assim, mesmo sem a ver que passaram a ter a sua residência em Lisboa, deixando Sete



Casa de São Caetano

Castelos para os meses de Verão. Esta casa ficou em nome da Avó porque foi comprada com os seus rendimentos, pois o Avô nunca mexeu no dinheiro dela para os negócios. Com os mesmos rendimentos também foi comprada a Herdade de Sto. Ildefonso no Alandroal.

Na área de negócios o meu Avô foi genial. Com o tio Ruy, esteve à frente da casa Orey Antunes, conseguindo a prosperidade que é conhecida. A par deste negócio detinha posições na Companhia do Buzi, na Boror, na Anglo-Portuguesa de Caolinos, muitos investimentos em África, como a Sociedade Agrícola da Gândara, Companhia de Pescarias de Angola, Companhia Aboim, a Cassequel e no Brasil, a Companhia Comercial e Marítima do Rio de Janeiro. Nos anos quarenta resolveu vender a sua participação da Orey Antunes ao seu irmão Ruy e a Orey Antunes do Porto ao seu irmão José Diogo. Ainda foi muito bem sucedido com a Companhia Eléctrica das Beiras. Já muito velho não deixou de trabalhar sendo levado praticamente ao colo pelos seus netos ao segundo andar sem elevador, onde tinha o escritório da Buzi, na Rua da Conceição. O resultado desta genialidade e do trabalho fez com que, em vida, tivesse dado a todos os filhos um património apreciável. Em 1929 uma das empresas criadas pelo Avô entrou em grandes dificuldades. Para evitar que a empresa fosse à falência o Avô resolveu liquidar todo o passivo da empresa e indemnizou o capital de todos os accionista que tinham entrada para a empresa pela sua mão. Com isto gastou um terço da sua fortuna.

Que grande exemplo de BONDADE, TRABALHO e CULTURA!

QUERIDA AVÓ PIEDADE

por M. Piedade d'Orey de A. C. Teixeira da Costa (Petita)

Não posso deixar passar esta ocasião, depois das palavras do meu irmão João, sem falar da avó Piedade. Normalmente, atrás de um grande homem, está uma grande mulher, e, ainda hoje vive marcado nos nossos corações esta mistura de ternura, princípios morais e uma generosidade inapagáveis. Lembro-me tão bem da avó a fazer enxovais para os pobres, que ia guardando ao longo do ano nos armários de Borba, tantos quantos o número de netos, para dar no Natal. Noutra ocasião, o Maurício do tio Gil engoliu uma moeda e foi muito mal para o hospital, e a avó Piedade fez uma promessa a Nossa Senhora das Dores que se ele se salvasse, nunca mais iria a S. Carlos, seu único divertimento. Graças a Deus o Maurício ficou bom, e quando íamos dar um beijo aos avós antes de ir para a cama, ouvia o avó dizer à avó: Mariazinha, daqui a cinco minutos liga a TSF para ouvirmos a ópera.

Nunca conheci ninguém com uma capacidade de oração e uma Fé tão grande, como a minha avó Piedade. Nos meses de Maria e Sagrado Coração de Jesus, depois do almoço, o trabalho de casa



parava, para todos irmos rezar juntamente com o pessoal. Tantas ternuras, tanta paciência para os netos, tanta simplicidade e austeridade, com grande porte de senhora com um "S" grande, é o retrato que ficou nos nossos corações. Bem haja avó Piedade, que todos nós que a conhecemos tão bem, consigamos transmitir um pouco dos seus valores aos nossos filhos e netos

OUTRAS MEMÓRIAS E NÃO SÓ

1 - Waldemar tinha um sentido muito prático da vida, e, quando era residente de Sete Castelos, apanhava muitas vezes o comboio em Oeiras, para ir para Orey Antunes, no Cais do Sodré. Um dia, sugeriu ao mano Luís, que era director dos Caminhos de Ferro e tinha a Quinta do Barracão do outro lado da linha do comboio, fazer um apeadeiro em Santo Amaro. A justificação era de que todos os dias, 8 pessoas se deslocavam daquela zona para Lisboa, apanhando o comboio.

O mano Luís achou uma boa ideia e mandou fazer o tal apeadeiro (Santo Amaro de Oeiras), bem perto dos portões das duas Quintas.

2 - Waldemar queria ir a África onde tinha muitos negócios, mas desistiu. A sua querida mulher, não achou graça. Para o pressionar a ficar, disse-lhe que cortaria as tranças se ele fizesse a viagem. Essas mesmas tranças, um dia foram realmente cortadas, mas por outra razão e com que sacrifício! Numa aflição, Maria da Piedade fez uma promessa de as cortar e oferecê-las à imagem do Senhor dos Passos da Igreja de Oeiras. Lá está, ainda hoje, aquela Santa Imagem, com a linda cabeleira daquela devota Senhora!

3 - Para que se saiba este ramo tem 311 descendentes!

QUANDO A MÃE FICOU COM SETE CASTELOS

por Margarida d'Orey V. Cunha (Kika)(castanho/encarnado)

Íamos todos os seis filhos e família para Sete Castelos passar dois meses de Verão, chegando a ser 50 ao mesmo tempo. A nossa Mãe tinha sempre a porta aberta para quem aparecia e nada lhe fazia confusão. O primeiro a viver lá foi o Gica (André d'Orey Velasco), uns anos depois o Pió (Pedro d'Orey Velasco) e a partir de 1975 eu, o Zé e os nossos filhos, até 2000 quando se vendeu a Quinta.

Ainda queria dizer que desde o tempo dos Avós, tios e primos, isto deu-nos uma união enorme, tanto entre nós os seis, como os nossos filhos uns com os outros. Noto que não há muitas famílias que se juntem tanto e recordem com imensa saudade aqueles belos Verões ali passados (somos um clã forte). Cinco de nós casamos lá, depois casaram as nossas filhas e baptizamos alguns netos. Também, alguns sobrinhos do lado d'Orey ali casaram. A Capela chama-se Nossa Senhora da Graça em memória da tia Graça que foi uma tia muito bondosa que ajudava muita gente em Oeiras.



O MEU AVÓ WALDEMAR

por Ruy d'Orey Pereira Coutinho (castanho)

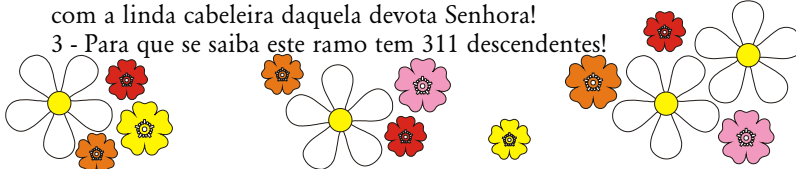
(Curioso como trajava uma senhora de 31 anos e um senhor de 65 anos!)

O avó marcou muito a nossa vida. Ia frequentemente almoçar a casa dos meus Pais e via a ternura e grande afecto que os unia. Ainda conservo uma pequena bilha, onde o Avó levava o leite das vacas de Sete Castelos, quando eu era bebé. Digo que durante a minha vida, as missões mais variadas que tive, sempre foram facilitadas pela educação que recebi dos meus Pais, os exemplos da Família.



VIAGEM DE 6 MESES AO BRASIL

Com 24 anos e um ano antes de casar, Waldemar d'Orey fez uma longa viagem de seis meses ao Brasil. A Gazeta d'Orey teve acesso a cinco cartas, dirigidas a sua Mãe e manos, onde a determinada altura dizia "peço à mamã de guardar estas cartas porque podem-me servir depois para alguma coisa"! Imagine-se há 116 anos! Os seus descendentes e parentes podem assim admirar o primor da sua bela escritas, a minúcia das suas descrições sociais e ambientais (pensamos que a parte comercial, com igual qualidade, deveria ter ido para o escritório). Graças ao zelo (e não só!..) do nosso primo José Luiz d'Orey (amarelo e verde) as ditas cartas foram transcritas, por alguém especializado em ortografia, para as podermos ler facilmente. Obrigada Zé Luiz! Quem as quiser receber por e.mail, deverá pedir à Gazeta d'Orey. Podemos mandar por correio mas tem despesas. Deverá igualmente pedir à Gazeta d'Orey, enviando antecipadamente 2 Euros (5 fotocópias + despesas do correio). Deverá dizer se quer os originais ou as transcrições. Caso queira ambas deverá mandar 4 Euros (10 fotocópias + despesas do correio).



“OUTSTANDING” WALDEMAR

por Lourenço Manuel de Albuquerque d'Orey (castanho)

Os seus principais feitos e qualidades já são por demais conhecidos! Justiça lhe tem sido feita nas diversas ocasiões em que se lembra a família, livros sobre o bisavô Achilles e sobre a SCOA.

Em diversas formas se tem divulgado o sucesso profissional que teve, desde os negócios feitos ainda em nome dos irmãos mais velhos por ser menor e por isso legalmente impossibilitado de o fazer sozinho até à defesa do bom-nome e honra, pagando as suas dívidas e as de outros. Tinha uma enorme capacidade de liderança e era um activo protagonista, embora gostasse de dar a impressão que o seu papel era de segundo plano: modéstia e nenhuma vaidade! Era por demais apreciado por todos! Era calmo e amável! Não deixava por isso de ser um a pessoa divertida, com um humor muito fino e também um “bon vivant”!

Acompanhava os irmãos mais velhos nas digressões e aventuras, dando ideias e quando demasiadamente afoito fazia se proteger por eles: contam que, ainda rapaz de 15 anos, teve um desacordo e discutiu com um homem que trabalhava na rua Garrett e se distinguia pelo seu tamanho fora do comum. Teve que pedir ajuda ao irmão Frederico, que embora de maiores dimensões viu-se aflito para se desencilhar do pacóvio; entretanto já o Waldemar se tinha posto a léguas.....

Porque demasiadamente criativo, não estudou na Alemanha mas sim num colégio na Grã-Bretanha, (Escócia) em que eram mais flexíveis.....Aparentemente gostava de fazer as coisas á sua maneira o que era difícil num colégio militar alemão!

Casou com Maria da Piedade Zuzarte Sárrea, que embora riquíssima fez voto de pobreza. Secundou e geriu com simplicidade a família, as casas e propriedades do casal.

Gostava de uma boa mesa, “fin gourmet”, e não deixava de se instalar nos melhores hotéis, comer e convidar para os melhores restaurantes quando viajava em negócios. Relatavam alguns sobrinhos que era sempre aguardada com expectativa a sua chegada,

A NOSSA QUINTA DOS “SETE CASTELOS”

por Salvador Velasco da Cunha (Castanho)

Olá! Ninguém me pediu para escrever mas tendo este número da Gazeta dos d'Orey reservado um espaço para o ramo d'Orey Velasco (castanho), espaço este que será sempre pequeno para uma família como a nossa, quero aproveitar para partilhar algumas memórias de uma casa onde fomos muito felizes.

Falar da nossa família é falar da Quinta dos Sete Castelos, em Santo Amaro de Oeiras, onde vivi entre 1975 e 1995 altura em que saí de Portugal para viver em Moçambique durante três anos.

Esta casa do avô André Velasco e da avó Carmo d'Orey Velasco (os meus avós maternos) proporcionou momentos inesquecíveis a toda a Família.

A grande união que existia e que ainda hoje existe na nossa Família Velasco é absolutamente fantástica.

Os Tios, quando chegava o mês de Junho, pegavam nas trouxas e nos primos e rumavam à Quinta para passar as Férias Grandes. Foi assim durante décadas.

Havia sempre uma animação muito grande. Por exemplo, ao fim de semana, os primos disputavam quem ia lavar o carro do tio André (Gica) para poder ganhar uns trocos. Os tios, principalmente os tios Gica e Zé Lisboa de Lima (marido da Tia Fámica), gostavam de ir ao casino do Estoril jogar nas máquinas e todos nós íamos com eles, o que à época era considerado um programa. Também me lembro das ceias fantásticas em que o tio Zé Seisal (marido da Tia Teresa) ficou famoso pela qualidade dos seus ovos mexidos com pão frito.

Diariamente íamos para a praia de Santo Amaro de Oeiras e quase

quando se estava fora e se vivia com menos largueza...

Não media esforços e coragem na execução dos seus projectos. Para melhor conhecer o Brasil, país de que gostava muito, foi a cavalo do Rio de Janeiro até Porto Alegre (no sul do país, +-1300kms).

Já mais velho, ajudava e aconselhava os mais novos da família dando-lhes orientações e conselhos. Não posso deixar de reproduzir um dos melhores e chegou até mim por pessoa interposta. Ajudou-me muito. Era tão simples quanto isto:” Se quiseres subir na vida, torna-te útil!”

Da sua descendência, lembrarei apenas o meu Pai, Manuel Gil, em alguns aspectos que julgo digno de nota: óptimo atleta, remador (na equipa do colégio quando estudava em Cambridge), onde se formou em engenharia civil com distinção, velejador (possuidor de um dos mais bonitos iates do Tejo, o TROST, com o qual ganhou variadíssimas regatas e foi campeão nacional de atletismo, estafeta, com as cores do CIF.

Casou com Louise van der Maesen de Sombreff que o acompanhou incansavelmente até ao fim, nos bons e máus momentos (não deveria ser fácil para alguém com origens nas melhores famílias europeias e habituada a viver nas grandes capitais, instalar-se na Lousã nos finais dos anos trinta). Ela foi, juntamente com ele, responsável pela fantástica vida que os sete filhos tiveram ao seu redor!

Nomeado pela família como responsável pelo desenvolvimento da parte de produção e distribuição de energia hidroeléctrica, liderou e desenvolveu o projecto com maestria até às nacionalizações, pós 25 de Abril dum grupo de empresas de que se destaca a CEB energia, Proalimentar, produtos alimentares, Agloma aglomerados de madeira, etc. (alguns milhares de postos de trabalho!)

Destituído do seu cargo e com o sentimento de ver a sua obra roubada e pior, destruída, desinteressou-se da vida profissional e dedicou-se exclusivamente á família.

A sua obra foi reconhecida “post mortem” pelos seus ex-colaboradores e empregados. Conseguiram obter das autoridades licença, para que uma rua da Lousã tivesse o seu nome.



ainda estou a ouvir o eco das nossas vozes no túnel que dá acesso à praia, todos com as toalhas de praia penduradas aos pescoços. Os pescadores recolhiam de imediato as canas de pesca porque nós íamos a nadar e cortar-lhes as linhas.....

Era o tempo do divertimento. Eram 4 meses completos: de Junho a Outubro.

No Verão de 1975 realizou-se um torneio de futebol entre a Quinta dos Sete Castelos e os representantes da Quinta do Barracão que nós acabámos por ganhar numa final muito renhida. Lembro-me que o prémio foi um gelado “Corneto” a cada um dos jogadores e uma pequena taça oferecida pelo treinador que era o nosso tio Gica (o

[A NOSSA QUINTA DOS "SETE CASTELOS" (continuação)]

preparador físico era o caseiro, o Jacinto, que muito puxou pelo nosso cabedal obrigando-nos a cavar a horta com uma grande enxada).

Os Avós e os Tios (incluindo obviamente os meus Pais) tinham uma grande paciência para nos aturar a todos, uma vez que éramos muitos primos direitos, rapazes (mais concretamente 13 miúdos), todos com idades muito próximas umas das outras o que gerava diariamente a maior confusão.

Há imagens que vão sempre ficar nas nossas memórias, como a do tio Zé Lisboa de Lima sentado numa cadeira no jardim, a ouvir a sua telefonia e a ler o jornal "O Dia", ou a hora do café das Tias, no Safari, ou as grandes noites quentes passadas na varanda fenomenal, à conversa ou a jogar às cartas até às tantas, ou a Avó Carmo a mandar preparar lanches para as visitas (a Tia Maria Luísa Bustorf era particularmente gulosa) e claro, o sino a tocar, para todos virmos almoçar ou jantar. A mesa da casa de jantar dava para 20 pessoas e na maior parte das vezes não chegava, obrigando a uma 2ª mesa, mais pequena (para mais 10 comensais), para onde os mais novos eram naturalmente relegados.

A Quinta dos Sete Castelos foi uma grande casa, não pela sua antiguidade mas sim pela vida que tinha no seu interior, o que se deve aos Avós, aos Tios e aos meus Pais, que sempre deram um óptimo ambiente para toda a família e para as visitas que adoravam aparecer porque parecia que havia festa todos os dias.

Manuel Gil Sárrea de Albuquerque d'Orey por Mafalda Maria de Albuquerque d'Orey (castanho)

Penúltimo filho de Waldemar e Maria da Piedade, nasceu a 4 de Abril de 1912. Das muitas histórias que o Pai nos contava, a sua primeira recordação seria a ida forçada para Espanha, apenas com 4 anos, quando os d'Orey foram expulsos por serem considerados alemães. Mais tarde outra vez para Espanha, para o Colégio dos Jesuítas, em La Guardia onde segundo nos dizia todos 'cantavam' "Oh Santo Inácio de Loyola, tirai-nos desta gaiola!" Gaiola seria, mas foi época de fazer as primeiras amizades. Depois novamente Lisboa, Liceu Pedro Nunes. Imagino que foram anos de grande divertimento. A alma de marinheiro e o amor pelo mar levou-o a comprar o Trost, veleiro de 14 metros de linha de água com que passou até ao Norte de África, Canárias e Sul de Espanha. Mas havia que trabalhar e como não entrou para a Academia Naval, o Avô foi levá-lo a Inglaterra onde em 1937, em Cambridge se licenciou com distinção em Eng. Civil. Como bom desportista que era, não deixou de dar provas no ténis, tendo integrado a equipa de Fitzwilliam House, onde residia, assim como na Equipa de Remo (razão pela qual mais tarde não perdia uma transmissão da regata Oxford/Cambridge!)

De regresso ao Avô Waldemar, o Pai foi incumbido de ir à Holanda tratar de negócios com a KLM. Tão bem tratou dos negócios, que seis meses depois, estava casado com aquela, que tinha sido encarregue de o receber, Louise van de Maessen de Sombreff. Em Portugal, foram viver para a Lousã, tendo, tanto um como outro, abdicado daquilo que até aí mais gostavam: os cavalos para a Mãe, e o Trost para o Pai. A descendência não se fez esperar: já somos 67 entre filhos, genros e noras, netos e bisnetos!

De Inglaterra, vieram também os cães. Dois casais de Cocker Spaniels. Rapidamente havia 16 cães lá em casa. Tão meigos eram, que mesmo o Avô que era de poucas demonstrações, lá lhes ia fazendo umas festas quando lhe parecia que ninguém estava a ver. Não me lembro de qualquer período em que não houvesse cães em casa. De preferência mais de um, entre cães da Serra da Estrela e os Bassets da Mãe.

Uma vez casado começou a trabalhar com o Avô e depois lançou a CEB Comp. Eléctrica das Beiras, tendo ido viver para a Lousã e depois para Coimbra onde se instalou definitivamente. Desenvolvendo a empresa. Foi um Administrador da CEB respeitadíssimo, exemplar,

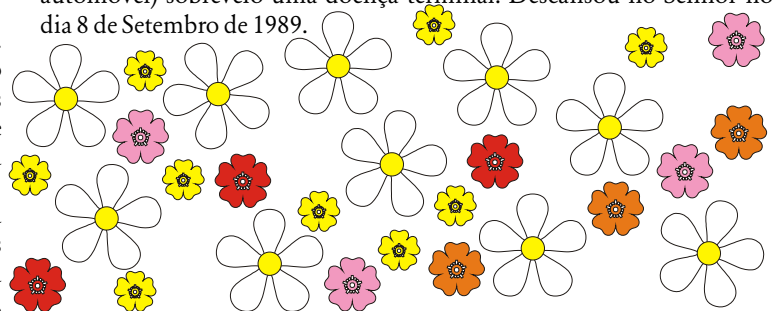
imensamente humano, facetas essas que ainda hoje são recordadas por todos, seus pares ou seus subordinados, que com ele contactaram e na Rua que tem o seu nome na Lousã. Em Coimbra, os Pais construíram a casa que todos sempre consideramos a nossa base, na Qta de N.ª S.ª do Lorêto, onde alguns de nós nascemos, todos crescemos e todas casámos e era ponto de reunião de amigos e família. Sendo nós sete, houve épocas bem distintas, mas todos tivemos tempo em que nos reuníamos aos trinta e mais para passar tardes na piscina, e boas jogatinas de ténis. Também foi sujeito a provações com a morte dos seus dois filhos



Carlinhos e Xaninha.

A família era o seu feudo e rodeado pelos filhos e netos era onde se sentia bem. Gostava muito de passear e foi com ele que conhecemos a maior parte do país, não medindo esforços para nos levar a todos de férias para a Fig. da Foz ou para o Algarve. Apreciou sempre muitíssimo o mar. Foi o Pai que nos ensinou a nadar. Precisávamos só de pôr uma mão no seu ombro forte. Ele ia nadando connosco atrás. Quantas vezes não foi preciso ir buscá-lo à praia, bem no fim do dia porque eram mais que horas de ir para casa! Óptimo contador de histórias não esquecerei quando a Ninó, o Lourenço e eu nos sentávamos ao seu colo para ouvir as histórias do Menino Grão de Milho, os Três Ursos (Lanzudo, Pele de Regalo e Petiz) e Júlio Verne.

As nacionalizações pós 25 de Abril foram um prenúncio de declínio que afectou muito o Pai. Foi claramente ferido na sua obra de sempre e mais ainda o afectaram as deslealdades com que foi confrontado. Recolheu-se na sua casa, viveu em redor dos filhos e netos. Como tudo na vida que muda, também os Pais se mudaram para um andar numa zona residencial de Coimbra após a venda à Companhia de Jesus da Quinta de N.ª S.ª do Lorêto. Confesso que deve ter sido uma adaptação difícil para quem estava habituado aos espaços amplos da quinta e da casa mãe. A saúde fragilizou e após ter sido sujeito a dois grandes desgostos, a morte do filho mais velho, Maurício e da neta Catarina (em acidente automóvel) sobreveio uma doença terminal. Descansou no Senhor no dia 8 de Setembro de 1989.



BODAS DE OURO

por Mafalda Belmonte (amarelo e verde)

[Maria João de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde) e de Vasco Figueiredo Cabral Câmara, no dia 29 de outubro de 2005]



Lá em casa, nos anos acabados em zero ou qualquer outro número de algum dos meus pais, porque apareceram para jantar ou almoçar mais gente do que o costume, porque é o dia da mãe, do pai, por qualquer outro pretexto que pode bem ser absolutamente nada, isso significa festa. E se há festa, há sempre alguém que decide criar um fait-divers, para passarmos um bocado mais divertido. Este fait-divers pode ser um teatro (hoje em dia são os mais novos que se encarregam disso), um concurso de qualquer coisa, ou só um jogo que alguém aprendeu ultimamente e que

podemos jogar todos entre muitos gritos, batotas, e gargalhadas. De facto, mesmo sem visitas, sem ensaios, não precisamos de muita coisa para nos divertirmos.

Mas há datas em que preparamos com todo cuidado a actuação, o sketch, ou seja o que for que queremos apresentar. E em Outubro último, os meus pais fizeram as Bodas de Ouro. Independentemente do que significam cinquenta anos de vida em conjunto, com todas as fases boas ou complicadas, mais fáceis ou mais difíceis, por que passaram, o facto dos meus pais fazerem as bodas de Ouro foi para nós, seus filhos, uma ocasião muito especial. Por isso, desde janeiro que andávamos a pensar como festejar condignamente essa tão importante data. Tinha que ser alguma coisa original, completamente diferente do que tínhamos feito até agora. A ideia base era fazer uma pequena retrospectiva da vida dos nossos pais, destacando os melhores momentos dos anos felizes que passámos até aqui. Já o tínhamos feito em teatros, Jograis e de mil e um outras maneiras, mas desta vez... desta vez começámos a juntar as peças, uma aqui, outra ali, e de repente reparámos que a nossa pequena retrospectiva estava cada vez maior... e maior... e maior. Não sei como é que isto nos foi acontecer porque antigamente éramos só nove irmãos e os nossos pais, mas agora somos tantos que quase não os consigo contar. Antigamente, fazer uma pequena

CASAMENTO

de Madalena (amarelo e verde) e Pedro

Realizou-se a 19 de Novembro de 2005 o Casamento da Maria Madalena Bandeira de Carvalho de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde) com Pedro Martins Soares Valente Pires na Igreja da Memória em Lisboa, celebrado pelo Padre José Maria Cortes. A festa realizou-se na Estufa Real.



retrospectiva era mesmo uma pequena retrospectiva! Mas cada um de nós decidiu casar o que equivale a dizer que não só somos nove irmãos como cada um de nós tem oito cunhados cuidadosamente escolhidos para ajudarem à (e na) festa. Por qualquer outra teoria ainda por explicar, entusiásmo-nos a ter filhos, e agora uma



camioneta começa a ser curta para nos levar a todos a um pequeno passeio como por exemplo um piquenique! Mas mais que tudo isto, é que cada um de nós, sejamos filhos, sobrinhos tios ou netos, pais

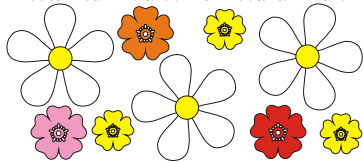
ou avós, carrega consigo infindáveis memórias de infinitos momentos felizes, qual deles o mais divertido hilariante ou comovente. Assim o nosso pequeno apanhado que se resumia às festas mais emblemáticas foi acrescido de descrições várias dos amigos importantes, das caçadas, das festas de todos os géneros e feitio, das ocasiões em que os netos dos meus pais nos proporcionam horas ou minutos de puro divertimento, das manias dos outros, das pessoas que passaram na nossa vida e a marcaram de alguma maneira, até dos cães que foram povoando o 'tarrafal'. Na verdade é comovente perceber que o todo é infinitamente maior do que as partes, e por isso o que cada um de nós deu, não se compara ao que recebemos dos nossos pais, em amizade, valores e partilha, de todos os ingredientes com os quais lidamos todos os dias e dos quais não nos damos conta que são a nossa estrutura e o nosso porto de abrigo. Mais, percebemos que de geração em geração, repetimos as mesmas brincadeiras, e os teatrinhos que outrora fazíamos são os mesmos que hoje aplaudimos aos nossos filhos, ficando com a certeza que é através deles que aprendemos e ensinamos a coisa mais importante da vida: o valor de uma família. Imagino que quem lê este artigo esteja cheio de inveja e a inveja não é um sentimento que esta gazeta queira despertar... mas não posso deixar de me sentir privilegiada por ter os 8 irmãos, 8 cunhados, vinte e tal sobrinhos, não sei quantos primos que tenho. E acima de tudo porque tenho o meu pai e a minha mãe ao meu (nosso) lado a festejar 50 anos de caminho conjunto.

ENCONTRO

da Nucha e da Ducha

Nucha (Mariana Francisca Roque de Pinho d'Orey Cravo) (amarelo/verde) e Ducha (Maria Eleonora de Odivellas d'Orey) (rosa) encontraram-se em São Paulo por intermédio da Gazeta! Viva a Gazeta e quem a elabora com tanto carinho!

Almoçámos mais uma vez em confraternização. Tiramos uma fotografia que achámos por bem mandar para documentar o facto. Encontramo-nos através, e por causa da Gazeta e, em consequência disso nos tornamos grandes amigas. Temos uma amizade descontraída e muito alegre.



BODAS DE OURO

por Cecília de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

As Bodas de Ouro de Maria do Carmo Gaivão Tavares e de José Luis de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

O Amor é muito lindo!

No dia 15 de Dezembro do ano da graça de 2005 festejaram as suas Bodas de Ouro a Carmo e o Zé Luís.

O jantar foi na Estufa Real. Simpaticamente juntaram os irmãos, os afilhados e alguns primos.

Reinou sempre a maior ternura, amizade e alegria.

Os presentes abundaram, e a Carmo e o Zé para além dos convidados riram a bom rir com um livro cómico - feito pelos irmãos do Zé-Glosando as suas vidas.

A Carmo ainda 'coxita', devido a um desastrosa queda, fazia as 'honras da casa' como uma princesa. O Zé, como sempre, no seu melhor estilo acolhia cada convidado com um enorme sorriso de satisfação e uma palavra amiga.

Eis senão quando, no fim do jantar, irrompe pela sala, um grande grupo de sobrinhos cantando e dançando, porque queriam também festejar os tios tão queridos. Foi uma animação!

Em resumo, foi uma noite de enorme alegria que nos deixou a todos desejosos de celebrar dentro de uns anos, as suas Bodas de Diamante.

50 ANOS DE CASADOS DO ZÉ LUIS E CARMO

por Maria Luisa Garcez d'Orey (verde)



Tive uma pena imensa de não ter podido ir à festa.

O meu pai, Zé Diogo, foi escolhido para padrinho de casamento pelo Zé Luiz e gostava imenso deste casal. Unia-os a grande compreensão que ambos tinham por qualquer pessoa tanto da família como fora dela.

Aprecio muito na Carmo a sensibilidade e o interesse que a leva a estudar profundamente tanto manifestações artísticas como os segredos da natureza, animais e plantas...

O meu pai, como agrónomo, conhecia bem o mundo vegetal e gostava de explanar os seus conhecimentos. Sabia ter na Carmo e no Zé Luís uns bons e muito interessados ouvintes.

Como arquitecta, acompanhei-os na alteração do andar em Lisboa e na criação do seu mundo em Azeitão. Iniciaram esta obra por volta de 1971, um retiro que seria deles e de irmãos. A Carmo tinha ideias precisas do que queria e do que gostava. Vimos e revimos os livros de Arquitectura Popular em Portugal. Acabou por ser uma propriedade só da Carmo e do Zé Luiz, um retiro fora de Lisboa em contacto com a natureza e com os animais. A Carmo cria com cuidado, carinho e requinte o mundo que a rodeia e o Zé Luís está sempre presente. São um casal muito bonito.

A ISABEL FEZ 60 ANOS E TEVE UM SONHO!

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico) (verde)

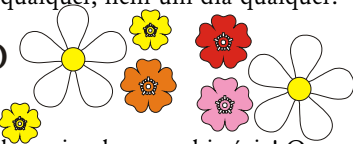
Então, para quem não saiba, a Isabel faz anos na "véspera do dia"! Nasceu a 23 de Dezembro e em pequena, ouvia a justificação de não ter festa...!! O ano passado, fez 60 anos, e por força de ser a "véspera do dia" teve o sonho! Festejar noutra data e para variar, passar um fim de semana com os seus filhos, genro, irmãos e cunhados, na Urgeiriça! Que rica ideia! Lá fomos em Fevereiro! Foi óptimo! A Isabel tinha tudo lindamente organizado, visitas guiadas às maravilhas da Beira, animação para depois do jantar, etc, etc. Não se fez tudo porque não houve tempo, a generosidade da Isabel foi ultrapassada pela realidade! Tivemos



quase todo o fim de semana uma abençoada chuva que, convenhamos, poderia esperar para 2ª Feira, mas o S. Pedro quis assim...! Visitámos o Convento de S. João de Tarouca que é uma MARAVILHA. Além do mais o Sr. António, que é o Guia (voluntário), é uma pessoa muito sabedora e invulgarmente interessado. A Isabel foi coroada, não como Rainha da Noite, a propósito dos 250 anos do nascimento do Mozart, mas como Rainha da Festa. Lembraram-se outras pessoas importantes que também nasceram na "véspera do dia", mas noutros lugares, anos diferentes, como por exemplo a Rainha da Suécia, o Imperador Akihito do Japão, o Imperador Alexandre I (Romanov), etc. Também na "Véspera do dia" outros factos não menos importantes tiveram lugar. Alberto I da Bélgica foi Rei nesse dia. O dia 23 de Dezembro é o dia do Vizinho, a Irlanda passou a ter dois Parlamentos e imagine-se que, o pintor Vicent van Gogh cortou a sua orelha esquerda na "véspera do dia"! Não é uma orelha qualquer, nem um dia qualquer!

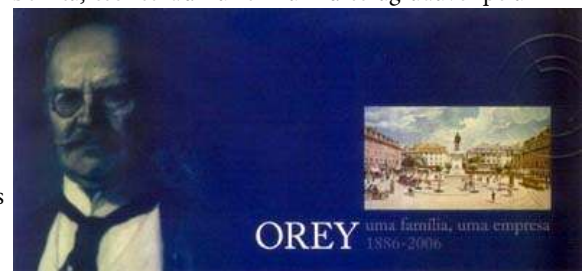
LANÇAMENTO DE LIVRO

texto da redacção da Gazeta



Um interessante livro! Nele, é contada muita da nossa história! Os primos que levaram a efeito esta obra estão de parabéns! Os d'Oreys só terão que agradecer muito, porque tudo isto custa muito dinheiro e muito trabalho! Ficamos com um registo, apresentado numa maneira muito bonita, escrito numa forma muito agradável pela

Maria João Câmara (amarelo e verde), com colaborações muito enriquecedoras e com uma qualidade notável. A



GAZETA d'Orey esteve presente no lançamento e não quer deixar de felicitar todos os apresentadores, que proferiram importantes palavras. Não podemos deixar de destacar no entanto as da Maria João Câmara (amarelo e verde) e as do Bernardo Albuquerque d'Orey (amarelo e verde).

Pedidos para Anabela Correia através do telefone 213 407 026 ou do email anabela.correa@orey.com

BAPTISADO

de Maria Silva Penedo de Mascarenhas Gaivão (verde)

No dia 17 de Setembro de 2005 na Igreja de Ferragudo, celebrado pelo Prior, Padre Soares. Nasceu a 23/6/2005 e é filha do João José O'Neill de Mascarenhas Gaivão (verde) e da Maria Cristina Silva Penedo de Mascarenhas Gaivão. Seguiu-se a Festa, na casa que foi mandada construir pelo trisavô da Maria (Manuel Mouzinho de Albuquerque de Mascarenhas Gaivão), foi do bisavô da Maria e hoje é propriedade do Pai da Maria.



BAPTISADO DUPLO

das Primas Marias...

No dia 19 de Novembro de 2005, na Igreja Paroquial de Colares foram baptizadas a Maria Teresa Morais Sarmento Ramalho Ortigão, filha da Rita Côrte-Real Morais Sarmento Ramalho Ortigão e do Filipe Juzarte Rolo Ramalho Ortigão e a prima Maria Clara Ramalho Ortigão Balcão Reis, filha da Mariana Juzarte Rolo Ramalho Ortigão Balcão Reis e do Pedro Santos Balcão Reis.



BAPTISADO de Antoine d'Orey Guyonnéau (verde)

O Antoine veio de Paris para ser baptizado, na Basílica da Estrela, no dia 11 de Fevereiro, pelo Padre Miguel Antonio Ponces de Carvalho. Filho de Maria Madalena Borges de Sousa d'Orey e de Claude Pierre Guyonneau.



A PESTE

por Eduardo Achilles Husum d'Orey (amarelo)

Começo por saudar o vosso projecto de fazer uma gazeta familiar e de agradecer o vosso esforço que é sempre apreciável quando se pretende alguma qualidade e de nível.

Em verdade vos digo que é tempo da família, que é grande e dispersa, organizar-se para bem de todos.

Venho apresentar à Gazeta uma das minhas actividades, que é alegre e simpática. A Família está envolvida em quase todas as áreas da vida nacional e não apenas no comércio ou na banca. Trata-se dum projecto da área da pequena imprensa, da criatividade, do humor, banda desenhada e ilustração. Sou editor de uma publicação humorística de nome A Peste. Há muitos elementos da família e não só, que já receberam exemplares (pagos ou de graça). A abordagem tem tido uma boa aceitação.

Sou formado em Sociologia e tenho trabalhado nesta área.

Entretanto iniciei o projecto da Revista A Peste, há cerca de quatro

DESCIDA DO DOURO - SETEMBRO 2006

de Frederico Capinha d'Orey Marchand (rosa)

Por sugestão da redacção desta excelente Gazeta da família, estamos então a informar que há pelo menos um d'Orey, mais concretamente da cidade "Inbicta", que vai passar alguns dias a remar e a descer um dos rios mais bonitos da Europa, que temos o privilégio de ter os seus quilómetros finais em território nacional.

Aproveitando o bom tempo do início de Setembro e juntamente com alguns amigos vamos realizar uma jornada de aventura, com a qual sonhava há já algum tempo. Assim, entre os dias 9 e 17 de Setembro (sensivelmente 9 dias) vamos, de canoa às costas, até Miranda do Douro, no canto nordeste de Portugal. Aí começamos uma viagem de cerca de 300 kms até à foz do Douro, na cidade do Porto.

Não vai ser uma tarefa fácil. Temos tido isso em conta, tanto a nível de planificação do evento, bem como da preparação física necessária para aguentar a dureza desses dias.

Serão sem sombra de dúvidas umas férias diferentes do conceito habitual de tempo de descanso. A beleza da paisagem, o esforço, o desafio e a aventura vão de certeza compensar toda e qualquer contrariedade que possa surgir. Realço o cenário dos primeiros 100 kms, em pleno Parque Natural do Douro Internacional, considerado pela UNESCO como uma das paisagens mais bonitas do planeta. Entrando no Douro português, há "apenas" mais 9 barragens para passar. Essas sim, são os obstáculos mais complicados de superar pois nem todas abrem as comportas para barcos de pequenas dimensões.

Teremos por isso, muitas vezes de as contornar por terra, envolvendo actividades radicais como "rappel" e escalada.

Para as primas e primos d'Orey interessados, e para amigos que

gostem de aventura, aqui estão os contactos dum aventureiro de 30 anos! Telem: 93 677 61 67; email: frederico.marchand@gmail.com



anos, com alguns altos e baixos como se compreende... Também faz bem realizar qualquer outra coisa além da profissão, com não menos empenho! Estou motivado para continuar.

O sítio da Peste é www.peste.com.pt, e os meus contactos são redacao@peste.com.pt, telemóvel: 938525550 - Proteja-se com A Peste em vez da doença, a cura!

Entretanto disponibilizo-me para colaborar com a Gazeta d'Orey. Que tal uma investigação sociológica da Família d'Orey?

